

UNIFAL-MG/Instituto de Ciências Humanas e Letras/Departamento de Letras

Disciplina: Linguística I - 1º/2025

Professora: Taise Simioni

Discente: Samuel Lucas Souza Azevedo

Entendendo os sentidos: como os signos moldam nossa cultura

Já parou pra pensar como surgem os significados das coisas e como podemos relacionar nossa vida cotidiana com a linguística? A semiótica é uma área de estudo dos signos. Os signos são tudo que pode representar algo: um som, um gesto, um look, uma palavra, entre várias outras coisas. Ela vem para ajudar a compreender como construímos os significados e os signos diariamente.

Com toda a globalização e o crescimento das redes sociais, a semiótica tem se feito cada vez mais relevante, principalmente entre os jovens. Isso acontece porque, com a globalização, as culturas se misturam e se comunicam de forma mais rápida e intensa, trazendo símbolos, signos e linguagens de diferentes lugares do mundo para o nosso dia a dia. Nessa troca constante, os significados passam a ser interpretados de formas variadas, dependendo do contexto cultural, social e pessoal de cada indivíduo. A semiótica ajuda justamente a entender como esses signos se transformam, ganham novos sentidos e são compartilhados, mostrando como a comunicação ficou mais complexa e cheia de possibilidades no mundo globalizado.

Estamos o tempo todo cercados por signos e interagindo com eles mesmo sem perceber. A presença cada vez maior da cultura asiática, por exemplo, mostra como os signos circulam globalmente. Ela não chegou só pela música, mas também pelas séries, filmes, moda, culinária e até no jeito de se expressar.

Um exemplo disso foi o sucesso da série sul-coreana “Round 6” (“Squid Game”), que tomou conta do mundo em 2021. A série chamou atenção não só pela trama, mas também pelos seus signos visuais: roupas padronizadas, formas geométricas, cores fortes como o verde e o rosa, e até os números dos jogadores. Tudo isso foi interpretado de formas diferentes pelo público. Alguns viram crítica social, outros usaram como fantasia, outros criaram teorias e memes, mostrando como um mesmo signo pode ter vários sentidos, dependendo de quem o interpreta.

Round 6 fez tanto sucesso que, em 2025, ganhou mais duas temporadas, reforçando o seu impacto cultural. E isso também tem tudo a ver com a linguística, porque mostra como uma produção pode criar um universo simbólico tão forte que atravessa línguas, culturas e gera interpretações diferentes em cada país, grupo ou rede social. Os símbolos da série

viraram linguagem compartilhada entre pessoas do mundo inteiro, mesmo sem falarem coreano.

No campo musical, o K-pop é outro grande exemplo dessa explosão da cultura asiática no mundo. É um gênero originado na Coreia do Sul, que ganhou grande força e notoriedade na última década aqui no Ocidente, principalmente entre os mais jovens. Se engana muito quem acha que é só escutar música. É um gênero carregado de simbolismos por todos os lados. Com vídeos altamente produzidos, coreografias complexas, gestos, moda e até a forma em que os artistas se comunicam com os fãs, tudo pode ser usado como exemplo da semiótica aplicada na prática no dia a dia.

Um ótimo exemplo disso é o grupo ENHYPEN, que trabalha com conceitos visuais e narrativas simbólicas desde o início da carreira. No álbum “Dark Blood”, por exemplo, os membros aparecem com estética inspirada em vampiros, o que já carrega muitos significados: transformação, desejo, escuridão, luta interna. Esses elementos aparecem não só nas letras, mas nos clipes, nas roupas, nos olhares e na forma como o grupo se movimenta. Tudo é pensado para comunicar uma ideia. E os fãs, claro, percebem isso e passam a criar sentidos a partir do que veem. É aí que a semiótica se mostra viva. O signo não tem um único sentido, ele é interpretado de formas diferentes por cada pessoa.

O ENHYPEN não é só um grupo musical. Ele é uma experiência multimodal. Cada *comeback* traz não apenas novas músicas, mas um universo simbólico completo, que apresenta uma narrativa visual, sonora, corporal e afetiva. O grupo comunica por meio de roupas que revelam época, classe, estilo e conceito. Também se expressa através de coreografias que demonstram sentimentos como dor, medo e entrega. Os olhares fixos, baixos ou dilatados funcionam como signos não verbais fortíssimos. As narrativas são construídas em *teasers*, videoclipes e até no *design* dos álbuns. Além disso, há uma forte conexão com os fãs por meio das redes sociais. Tudo isso é linguagem. Mesmo quando não há fala, há comunicação. A dança de Drunk-Dazed, por exemplo, transmite um estado de êxtase e confusão, algo que se alinha com o título e com a sensação de estar perdido em um novo mundo, como a fama, a vida adulta ou a identidade fluida. Isso é pura semiótica corporal.

As cores também funcionam como signos potentes e carregados de sentido. Elas podem representar sentimentos, ideias, atitudes e até criar vínculos afetivos com o público. No universo do K-pop, por exemplo, muitos grupos utilizam cores específicas como parte de sua identidade simbólica e visual, estabelecendo conexões com os fãs por meio desses elementos.

O grupo BTS é amplamente associado à cor roxa, que se tornou símbolo da relação afetiva com os fãs após a frase “I purple you”, dita por V, nome artístico de um dos integrantes do grupo. A expressão foi adotada pelos fãs como uma forma especial de demonstrar carinho e conexão com os artistas. Já o BLACKPINK traz essa ideia direto no nome: preto mais rosa, uma mistura de força, atitude, delicadeza e feminilidade. Essas cores, além de estarem presentes nas roupas e videoclipes, são parte essencial da identidade dos grupos e da forma como eles se comunicam com o mundo.

Com a globalização, esses signos não ficam restritos a uma cultura ou país. Eles circulam, se transformam e ganham novos sentidos conforme chegam a diferentes contextos. As redes sociais têm um papel fundamental nesse processo. Plataformas como TikTok,

Instagram e Twitter funcionam como grandes espaços onde símbolos, tendências e expressões culturais se espalham rapidamente. Cada *trend*, *hashtag* ou dancinha vira um signo com significado próprio, que é apropriado e reinventado pelos jovens ao redor do mundo. Quando você participa de uma *trend*, está não só compartilhando um signo, mas também dando a ele o seu toque, seu significado pessoal.

As redes sociais, assim, são como um grande laboratório de semiótica dinâmica, onde os sentidos não param de mudar. E os jovens, que estão mais conectados e imersos nesse universo, são os principais produtores e transformadores desses sentidos, construindo e reconstruindo constantemente a cultura global.